

Um bate-papo sobre Janine Puget¹

Ana Rosa Chait Trachtenberg²

Eu gostaria de iniciar este bate-papo apresentando a Janine Puget, que é uma pessoa extremamente importante, reconhecida internacionalmente. E contar para vocês que a Janine nasceu na França em 1926 e faleceu em 2020, aos 93, quase 94 anos, em Buenos Aires. Emigrou muito jovem para a Argentina, onde casou com Diego Garcia Reinoso, também psicanalista, com quem teve seu único filho, Pablo, que lhe deu dois netos homens. Iniciou a sua experiência profissional na Clínica de Pichon Riviere, um lugar de vanguarda em Buenos Aires, onde circulavam os personagens mais interessantes e criativos do mundo psicanalítico e artístico. Começou a formação psicanalítica na APA (Asociación Psicoanalítica Argentina), junto com o curso de medicina. Ela se formou médica em 1959. Enquanto fundava a associação de grupo, junto a personagens fortes que marcaram sua trajetória, como Pichon-Rivière, Marie Langer, Emilio Rodríguez e Jorge Mom, simultaneamente iniciava na APA a sua etapa mais institucional, chegando à didata e integrante da comissão diretiva, com Leonardo Wender, interlocutor válido por vinte anos e com o qual produziu relevantes trabalhos: *Mundos superpostos*, *Análisis eternizados*, *Los secretos y el secretar*, etc

Janine teve toda uma vida de produção psicanalítica sempre em pares. Com Leonardo Wender num momento da sua vida, e depois com Isidoro Berenstein. Muito se falava, e até não muito tempo atrás e ainda hoje, em “Berenstein-Puget”, uma dupla. Com Isidoro Berenstein, teve uma parceria de quarenta anos

¹ Texto transcrito e adaptado dos vídeos realizados por ocasião de duas atividades em homenagem a Janine Puget em 2021 — ESIPP Ciclo de Estudos “Mulheres que mudaram a Psicanálise” — Janine Puget, em 10 de setembro de 2021, e SBPSP III Jornada Setor de Família e Casal, em 30 de outubro de 2021. (Webinar III) Psicanálise Vincular: a atualidade das ideias de Janine Puget.

Observação ao leitor: Está mantido o tom coloquial, já que nas referidas oportunidades não houve texto escrito/lido e sim, como consta no título, um bate-papo.

² Membro titular com função didática da SBPdePA.

de produção científica. Estavam juntos na fundação da associação de grupos e também, paralelamente, na formação do grupo interdisciplinar, liderado por Gregorio Klimoski e com o historiador Ignacio Lewkowicz. Acompanhou Wender e Berenstein quando migraram para ApdeBA, onde fundou o departamento de casal e família, o mestrado de família e casal e também fundou, junto com Berenstein e Sonia Kleiman, o primeiro comitê de Casal e Família da Fepal (Federación Psicoanalítica de America Latina), do qual tive a honra de fazer parte. Ao longo de sua trajetória, foi passando do grupal à psicanálise de casal, momento mais estruturalista, e daí às configurações vinculares e, então, ao vincular propriamente dito.

Inicialmente, pensava os temas vinculares como recursos das teorias clássicas, sustentadas em conceitos solipsistas. Os tratamentos eram abordados pela perspectiva da escolha de objeto e das identificações, redundando em fracassos que impulsionaram a evolução da teoria, quando a realidade externa, ou seja, o outro e o contexto social passaram a ter importância. A dupla vivência entre a psicanálise individual e a de casais foi mostrando para Janine que algo diferente acontecia ante a presença do real, levando à concepção do efeito de presença.

Voltando um pouquinho para trás... *Mundos superpostos*, escrito com Leonardo Wender em 1982, por ocasião da cisão APdeBA, introduz o tema do analista como sujeito, que desenvolverá mais adiante na teoria vincular. Na ocasião, tratava de abordar funcionamentos narcisistas relacionados ao pertencimento institucional que não eram captados desde a contratransferência ou, ainda, perturbações na mente do analista quando algum elemento do conteúdo manifesto do paciente tivesse ressonância em sua problemática pessoal.

Então, o que eu ia dizer é que o trabalho sobre mundos superpostos, que foi revisitado mais adiante por ambos, Puget e Wender, ganhou um destaque enorme com o início da pandemia. Então ele se popularizou. O que foi muito criticado lá em 1982, há quase quarenta anos, teve um destaque, uma relevância muito importante agora. E a Janine, ainda vivendo na pandemia, questionou: “Mas o que é que tanto interessa?”. Bom, ela já estava noutra... Mas o trabalho foi muito útil e muito importante para pensarmos as questões de pacientes e analistas na pandemia.

Ela teve com Berenstein uma fase estruturalista. Corresponderia ao objeto único, transposição do narcisismo individual aos vínculos, em que o casal matrimonial aparece como paradigma da realização do objeto casal. Trabalharam a estrutura familiar inconsciente, de Berenstein. Seu pensamento se sustenta no determinismo psíquico e na hegemonia das famílias de origem com ênfase na repetição — com o qual Janine e Berenstein, posteriormente, rompem por completo.

Então, eu queria marcar isso para também poder marcar o que eu pretendia conversar com vocês: sobre a última fase da Janine Puget, do Berenstein, da Sonia Kleiman, quando rompem totalmente com isso e introduzem a questão vincular, a questão do entre, a questão do efeito de presença, a questão da interferência — que são todos conceitos novos e, insisto, que se separam, enquanto metapsicologia, enquanto teoria, da psicanálise clássica freudiana. Isso sem desconsiderar a psicanálise clássica. Talvez o que eu vá dizer agora eu vá repetir em algum momento: Janine falava em lógicas superpostas, a lógica do 1 e a lógica do 2. Mais adiante, ela disse que preferia chamar de lógicas paralelas, e não superpostas. Então, a psicanálise clássica tem o seu lugar, ela não destitui a psicanálise clássica, a da transferência, da repetição, a do mundo infantil como determinante, a da história do sujeito, do determinismo. Porém, ela disse que entende que isso não é suficiente para entendermos tanto os pacientes individuais quanto os casais e as famílias. Ela estava realmente dedicada a mostrar a trama vincular e o novo que o efeito de presença potencialmente traz. Abre-se espaço para o indeterminado, o acaso, e para o novo.

Então, a teorização das configurações vinculares foi introduzindo a ideia de constituição subjetiva em devir, renunciando sua ruptura com o estruturalismo. Nas viagens à França, frequentou seminários de Lacan, e outros.

Com René Kaës, escreveu e organizou, em plena ditadura militar na Argentina, um livro que foi publicado inicialmente na França e depois, na Argentina, chamado *Violência de Estado e Psicanálise*.

O livro realmente marcou toda uma geração quando foi publicado em espanhol. Só muito depois ele desapareceu das livrarias e ficou completamente esgotado. Foi reeditado na Argentina, em 2015.

Isso já marca a pessoa Janine Puget, o seu interesse pelo tema do social e especialmente da violência, da corrupção. Foi muito ativa até o final da vida no engajamento político.

Ao final dos anos 1990, Janine inicia uma importante mudança teórica ao deslocar a potência do vínculo para a “ajenidad”. Vou manter essa palavra em espanhol, como faz a maioria dos autores de língua portuguesa, porque em português ninguém ainda conseguiu uma tradução; então, sob o risco de minimizar ou reduzir a algo simples um conceito que é tão complexo e tão rico, há um consenso entre vários de nós para manter o termo em espanhol.

Aí surgem as noções de UM e de DOIS como lógicas heterólogas sempre presentes nas relações, cabendo diferenciar o que corresponde a cada uma delas. Essa perspectiva clínica alude ao que Janine e Berenstein denominaram efeitos de presença. Eles foram teorizando cada uma dessas lógicas com sua metapsicologia própria e novas categorias se somando à teoria clássica.

Como eu já disse: transferência versus interferência, ausência versus presença, representação versus apresentação e determinismo versus acaso etc. O tema da complexidade, o questionamento da hegemonia do devir cronológico em favor de um presente de infinitas possibilidades, em que a incerteza do devir pode abrir caminhos não determinados pelo passado infantil, vão promovendo desacomodações na teoria.

Então, me parece que isso é muito importante. Na lógica do UM, o passado infantil é entendido, ele está presente como repetição... O passado infantil que se repete na transferência, o analista tem a contratransferência, mas isto não é a única coisa que acontece entre dois ou mais outros. Eu talvez esteja me repetindo e insistindo em alguns conceitos porque, na verdade, penetrar nesta nova lógica não é simples. Ela é rica, mas não é simples. O que é muito comum que se faça é tentar harmonizar ou equilibrar ou reconhecer a teoria vincular, dos vincularistas do Rio da Prata, como eles se denominam, “ah, isso não é o que o Winnicott diz... ah, isso não é o que o Bion disse...”. Ok, eles, Janine, Berenstein, Sonia Kleiman, faziam muita questão de dizer que era uma lógica própria, que não se harmoniza e não se articula. O que mais adiante Janine disse: “eu prefiro chamar, ao invés de superpostas, paralelas”, ajuda mais, me parece, a entender que coexistem, mas não se encontram, como as paralelas que não se encontram. Então, suas ideias inovadoras geram desassossego e questionamentos quanto ao lugar que teriam no corpo teórico da psicanálise e sua aplicação clínica. Embora não esconda o entusiasmo por transitar na lógica do DOIS, deixa claro que desconstruir não significa abandonar a lógica do UM, tão significativa para a lógica clássica.

Janine armou um modelo à própria maneira em parceria com Isidoro Berenstein, dando um lugar descentrado para o complexo de Édipo, para a representação e para a repetição. Falou em “subjetividades múltiplas”, assim Janine se referia mais recentemente.

Eu tive vários privilégios com a Janine, de conviver com ela. De poder conviver com ela em presença. Sentir o efeito de presença, a força que ela tinha de nos desacomodar, por isso “a transgressora”.

Outra coisa muito curiosa, aí é uma curiosidade a respeito da Janine, é como ela viajava. Primeiro: ela estava sempre de colar, sempre de batom, sempre ajeitadinha. Eu a conheci jovem. Eu fiz a minha formação psicanalítica em Buenos Aires, na APdeBA, um pouco depois da cisão com a APA. Conheci a Janine Puget, que não era a Janine Puget da Vincularidade ainda, tampouco Berenstein, ambos circulando pela instituição.

E sempre me chamou muito atenção a delicadeza e a firmeza ao mesmo tempo. Vê-la caminhando ou falando já dava uma ideia do que estava por vir. Isso faz quarenta anos e ela era uma jovem mulher.

Em alguma ocasião, tempos depois, ela chegou em Porto Alegre, para dormir uma noite, e carregava uma bolsinha pequena... “Como é que tu consegues viajar com tão pouca coisa?”. Ela disse: “Eu trago um colar diferente, uma outra blusa e é só disso que preciso. Eu não preciso de mais”.

O filho de Janine, Pablo Garcia Reinoso, importante artista plástico que vive em Paris, numa homenagem que foi feita na APdeBA logo depois da sua morte, contou mais uma coisa curiosa sobre a sua malinha de viagem. A sua malinha de viagem continha mais duas coisas: além de colares e blusas diferentes, ela levava um vaso plástico dobrável, porque ela queria colocar uma flor no quarto do hotel, e um abridor de espumante. Foi uma revelação que causou surpresa a todos e deixou uma marca muito curiosa da pessoa que ela era. Era uma flor, mas tinha que ter o espumante. Tem muitas passagens muito maravilhosas com Janine.

O livro *Transgeracionalidade*, do qual sou coautora, que já é a segunda edição, tem o prefácio da Janine Puget. A gente tinha contato com ela, e uma vez que nos reunimos em Porto Alegre, dissemos:

“Janine, tu podes fazer um capítulo para o livro que nós vamos organizar com diferentes autores?”. Ela disse: “Eu posso, mas por que vocês não escrevem o livro ao invés de organizar?”.

Essa era a Janine, sempre estimulando. E aí ela se dispôs a fazer o prefácio.

Também prefaciou o livro do Núcleo de Vínculos da SBPdePA *Por que psicanálise vincular?*, de 2018.

Vou falar um pouquinho mais, entrando nas ideias da Janine. Falando da Vincularidade...

A clínica psicanalítica de casal e família demandou a construção de teorias e técnicas que fundamentam esse enquadre com características próprias e diferentes da psicanálise voltada para o indivíduo.

Janine Puget e Isidoro Berenstein, seu principal interlocutor, estudaram a fundo a Vincularidade, entendida como a relação entre dois ou mais sujeitos através de uma ampliação da teoria e da técnica clássicas formuladas desde o psiquismo individual e consolidadas na perspectiva solipsista, em que o outro é pensado desde o próprio Eu, conforme a teoria das relações de objeto. É com isso que eles rompem.

O Vínculo, termo polissêmico no campo da psicanálise, tem para o pensamento de Puget um sentido que remete ao espaço Entre Dois.

O Vincular não é pensado desde o especular, um em frente ao outro, mas como uma produção entre sujeitos. E o Entre, aqui, é muito importante. O Entre no sentido de trama, entre dois ou mais sujeitos. Existe aí o terreno de exterioridade do Eu, onde o outro, por mais íntimo e conhecido que seja, sempre apresentará

uma faceta não conhecida, que surpreende e impõe incerteza, sendo potencial fonte de angústia, conflito e desacomodação. Essa condição impulsiona o que denominaram trabalho do Vínculo, ou seja, reconhecimento da alteridade e da “ajenidad” impostas pela presença do outro. O termo “impostas”, aqui, eu acho que tem a ver com “imposição”, que é outro dos termos cunhados pelo Berenstein e pela Puget, não se remete à violência e ou agressão. Eu acho a palavra mal escolhida. Enfim. O que eles se referem aqui... a “ajenidad” impõe ao outro algo que o desacomoda. Então, é nesse sentido. Sempre excede a representação que se possa ter dele, do outro, dada a diferença radical inerente à coexistência de dois sujeitos.

O Vínculo, no sentido estrito dado por eles, ou seja, o ENTRE introduz uma modificação não antecipável, não prevista na série de registros prévios. A especificidade, a singularidade ou a heterogeneidade radical do outro não é passível de ser assimilada ao Eu. Produz trabalho psíquico e novas subjetividades. O fazer com outros, produção vincular movida pelo potencialmente presente no ENCONTRO, que é outro termo que eu sublinharia, é fonte de trabalho psíquico e de subjetivação.

Falemos um pouquinho, agora, de representação e apresentação.

Considerando-se que a subjetividade se funda no encontro com o outro, cabe diferenciar teórica e, clinicamente, as categorias referentes a encontro e re-encontro. Puget sublinha que re-encontramos uma inscrição, um traço identitário ou uma ilusão porque algo não se perdeu, manteve-se a representação.

Estamos falando, aqui, quando falamos em representação e sempre que o prefixo “re” está presente, da psicanálise clássica.

A representação, que não é a da teoria vincular, tem a qualidade de retorno de um passado e de um passado inscrito na repetição. Estamos na dimensão do UM, com características de integração, de semelhança, de retorno ao mesmo e de pertencimento a uma estrutura que outorga lugares fixos e previsíveis, próprios do mundo intrapsíquico.

Então, estamos falando de identidade, mundo intrapsíquico, representação, ausência e não presença, representação e ausência. Na ausência do objeto, entra em ação a representação. Ou, dito em outras palavras, os objetos internos.

Na clínica, é muito importante deslindar em casais, por exemplo, o que é projeção de mundo interno, projeção de objetos internos, projeção do intrapsíquico no outro e o que o outro diz disso e qual é a trama que se estabelece entre eles. Por exemplo: “Ah, mas isso que tu tá dizendo eu nunca escutei...”, “Ah, mas isso que tu tá dizendo eu não pensei que fosse assim...”, “Ah, então é, é?”.

O que estou falando é só um exemplo, para dar uma ideia de o que é esse ENTRE, sobre o qual nós estamos falando.

Dentro da psicanálise clássica, nós estamos falando de representação, objeto interno, elaboração, repetição, transferência, repetição na transferência...

Para os novos paradigmas de subjetivação, como o que propõe a constituição subjetiva pela lógica do DOIS, no interjogo de imposição, constituir uma singularidade passa pelo pertencimento a cada vínculo, em que surgem qualidades subjetivas, num constante devir.

A apresentação, que é da lógica do DOIS, é concebida na condição de novidade e caracterizada pelo imediatismo e pela fugacidade. Suas produções só se instituem no ir sendo e no ir fazendo.

Algumas falas de Janine já se tornaram clássicos, como por exemplo: “Cada vez nos conhecemos menos”.

Ela diz que aquelas relações de entre, que são exitosas, promovem curiosidade, ao invés de indiferença e repetição. Então, quando um casal diz “Eu já sabia que tu ia dizer isso” ou “Tu sempre faz isso.”, estamos falando na vertente da repetição e do já conhecido.

E ela sempre insistia que, na lógica do DOIS e na trama do ENTRE, tem que haver curiosidade, desconcerto. Em outro momento ela diz: “se amigar com o conflito, viver em instabilidade”.

Na última aparição pública da Janine Puget, que foi no congresso da Fepal de 2020, ela estava já muito, muito, muito fragilizada. Ela tinha uma doença pulmonar muito séria, muito importante. Naquele momento ela disse: “Nós temos que aprender a viver em desequilíbrio”. O desequilíbrio é o novo, o fugaz, o viver em areias movediças, porque isto nos leva a novas subjetividades e a entender o mundo também como de subjetividades múltiplas, vem do pessoal, vem do social, vem do outro.

Eu estou fazendo uma coisa aqui que eu não gosto muito de fazer... Pulando um pouquinho... Quero falar um pouquinho de transferência e interferência. Eu quero dizer uma coisa importante...

Por mais que eu toque em alguns conceitos e insista para tentar ser clara e às vezes até repetitiva, é claro que eu não vou conseguir falar sobre todos os aspectos da teoria da Janine Puget, da teoria vincular, tão revolucionária no meu entender.

Isso é o que mais emociona, essa capacidade dela de sempre nos surpreender nas suas falas, no seu pensamento... Então, falando um pouquinho de transferência e interferência.

O conceito de interferência está para psicanálise vincular como o de transferência está para psicanálise clássica. A noção de interferência visa dar conta dos fenômenos psíquicos que ocorrem por efeito da presença do outro. Enquanto a transferência remete aos desdobramentos do mundo infantil e das

relações objetais sobre a relação do paciente com o analista, a interferência define o que é produzido entre ambos por ação do vínculo. Não se trata de repetição do representado no aparelho psíquico, mas do novo que excede e não pode ser reduzido nem remetido ao previamente inscrito, promovendo a experiência de não coincidência e de surpresa. A proposta de Berenstein e Puget, pensadores do conceito de interferência, é somar a perspectiva vincular ao modelo clássico, tanto para as terapias de casal e família quanto para as análises individuais. A ponderação do campo vincular na dinâmica analítica transforma aquilo que um dia foi considerado um obstáculo em mais um instrumento no processo terapêutico.

Desde a perspectiva vincular, uma das conquistas poderia ser a de pensar entre dois, captando, conhecendo, tolerando o impossível de conhecer do outro e significando a diferença em cada dimensão. Dar-se conta do que suscita em angústias e defesas, a heterogeneidade, a diferença, a incerteza e a perplexidade e uma inquietude indefinida e, como eu falei antes, também a curiosidade.

Algumas curiosidades... Algumas vezes a gente fez vídeos com a Janine, antes mesmo da pandemia, e de repente passava lá no fundo, na casa dela, René Kaës, ou Yolanda Gampel...

Ela e René Kaës eram grandes amigos, porém com muitas diferenças na maneira de pensar a psicanálise. Com alguns pontos de convergência, ela fazia questão de dizer. E com o tempo foi possível, para mim, pelo menos, ir entendendo: Kaës que é um pensador excepcional, e quando Janine fala das diferenças com ele, obviamente, não destitui a questão estrutural. Kaës fala em espaços psíquicos e fala desde uma estrutura psíquica, desde as mentes, enquanto Janine fala da fluidez do encontro, da trama do encontro, fluido, que desacomoda subjetividades.

Então é possível que alguém esteja se perguntando: “Isso deixa marcas? Isso deixa representações? Como é que é?”.

Janine, quando perguntada sobre isso e sobre a intersubjetividade, ela não estava muito preocupada em marcar estas diferenças, fornecer respostas. Mas... Não é desde o intrapsíquico, não é desde o sujeito constituído que a teoria vincular fala, a teoria vincular de Puget e Berenstein. E Kaës fala desde esse lugar.

Janine Puget, além de inúmeras publicações em revistas, lançou em 2015 o livro *Subjetivación discontinua y psicoanálisis*. Além disso, foi ganhadora do prêmio Sigourney em 2011, é um importante prêmio da IPA, e Doutor Honoris Causa da Universidade de Buenos Aires e de San Luis, ambos da Argentina.

Uma das últimas atividades dela também foi o prefácio, com René Kaës, do excelente *Dicionário de psicanálise de casal e família*, que já é um clássico de consulta, sem nenhuma dúvida.

Selecionei alguns trechos dos últimos trabalhos da Janine, em 2020, a que ela chamou de *Profanar creativo... profanar desubjetivante. Talvez... los caminos de lo incierto*:

Talvez a tendência a predizer, a proteger-se do acontecimento do mundo chamado exterior não consiga apagar a força vital que emana do futuro. Talvez deixemos abertos caminhos para que o futuro não seja repetição, nem elaboração, mas sim algo aberto, iluminado por alguns dos seus muitos universos e sóis que iluminam nossas vidas sem que tenhamos advertido. (2020b, p. 2)

Essa é uma fala muito linda dela. E outra fala que eu queria dizer e ler... Ela fala de esperança, que eu acho fundamental para a gente ter em conta, que nos traz a teoria vincular desses autores, porque nós podemos pensar que novas subjetividades podem ser criadas permanentemente. Eu acho importante dizer isso, porque o passado infantil que deixa marcas e representações importa, mas o risco... E a Sonia dizia isso como muita clareza: o risco é nós ficarmos sequestrados na repetição, no passado infantil, que está presente e nos acompanha a vida toda, assim como o transgeracional, por exemplo, e que é um tema que me é muito caro.

Mas ele o é desde a lógica do UM, falando em história e pré-história do sujeito. O transgeracional não pertence à lógica do DOIS. Pertence à lógica do UM. E a lógica do DOIS ajuda a nos libertarmos dessa impregnação, que eu acho que a Janine fala que é um risco que nós, psicanalistas, temos de explicar o presente pelo passado. Isso pelo determinismo histórico. Esta é a grande ruptura da clínica vincular.

É não deixarmos uma exclusividade de interpretação pelo determinismo histórico. O sujeito pode ir se subjetivando e criando novas subjetividades ao longo da vida, assim como diferentes duplas podem funcionar de jeitos diferentes. A repetição existe, mas nem tudo é repetição. É nesse sentido.

Então um outro trecho que ela disse muito lindo é: “Talvez a minha esperança é que hoje se possa colocar ênfase em descobrir o que fazer com o diferente, com a diferença, sem que isso deva ser resolvido harmonicamente” (2020b, p. 7).

Eu entendo que o que ela quer dizer é que a diferença se impõe. E nós não precisamos acomodar a diferença. Transformemos a diferença em motor de vínculo, de novidade e de novas subjetividades. Eu entendo dessa maneira. Assim como quando ela disse: “vamos ficar amigos do incerto, do conflito”. “O conflito é vida” (2020a, p. 1) ela diz em algum momento. É uma das frases lindas dela.

Em outro momento:

Hoje já cabe ter em conta que já não podemos nos referir a que nossas vidas tem só uma origem, nem só um centro, do qual dependeria a vida das pessoas e dos conjuntos. Mas sim é necessário pensar em múltiplos centros, cada um com sua lógica própria. O que rege cada um deles não é trasladável ao que rege o outro, ou seja, as lógicas que têm em conta o múltiplo e a heterogeneidade são incompatíveis com os corpos teóricos que herdamos desde Freud em diante.

O que chamamos o singular, a mente do uno, e o que pertence à lógica que chamamos vincular, social, do múltiplo, a do DOIS, se manejam com elementos próprios, falam diferentes idiomas. Para as subjetividades em plural, abriremos um capítulo centrado em descobrir ferramentas que possam nos ajudar a levar em conta como vamos navegando em territórios instáveis, ou seja, territórios criados por efeitos de presente, sempre aleatórios, o que sempre nos depara surpresas. (2020b, p. 8)

Se o tempo me permite, eu queria ler um trechinho dos últimos trabalhos da Sonia, também em homenagem. Lembrando que foi feita uma homenagem para a Sonia, há umas duas semanas, que um grupo de colegas decidiu chamar, nomear algumas das coisas importantes que a Sonia trabalhou: hospitalidade, movimento, presença, alegria... Eu acrescentaria muitas coisas.

No trabalho dela que se chamou *O tempo em movimento, história familiar e acontecimento*, (2018) ela diz assim:

O crescente desenvolvimento da perspectiva psicanalítica do vincular colocou em jogo no trabalho analítico vincular a via que dava lugar à teoria e à clínica e ao aparecimento de novos emergentes. Momentos inéditos, tramas inéditas, turbilhões de tempos enredados e bifurcados, tempos em movimentos no predizível. Sim, a versão arqueológica da psicanálise clássica, ou seja, a história, nos leva a investigar e incursionar em paradeiros onde se espera encontrar o sentido, o significado de sintomas ou de modalidades em jogo. Outra versão nos permite terrenos diferentes, não só os que marcariam o curso da história, mas o encontro com outras possibilidades nas quais os sentidos não estavam previamente inscritos, mas sim se produzem onde estão ocorrendo os acontecimentos. (p. 5)

Para terminar, eu queria ler para vocês...

Eu fui muito privilegiada... A IPA fez um webinar em agosto de 2020, e que se chamou ¿Qué hay de novo neste mundo en cambio?, com Janine Puget e Yolanda Gampel. Duas pensadoras excepcionais.

Eu tive o privilégio de coordenar esse webinar, apresentá-las, e tivemos encontros prévios.

Eu preparei uma apresentação e mandei para elas previamente, para ver se estavam de acordo, e quero finalizar compartilhando com vocês o que eu li na ocasião.

Eu comecei a ler algumas coisas breves, de currículo dela, que já compartilhei com vocês, e eu disse: “Também sei que Janine não gosta das apresentações. Ela gosta daquilo que vai ocorrendo no encontro com as ideias, mas eu me arrisco. Numa seleção, claro, incompleta, a modo de telegrama e um tanto aleatória, eu gostaria de compartilhar a minha visão pessoal da Janine que mudou a psicanálise com suas ideias inovadoras. A psicanálise vincular, o efeito de presença, a força da diferença, a ‘ajenidad’, a surpresa, a lógica do excesso, o mundo do entre dois ou mais outros, a subjetividade múltipla, a subjetividade social, a violência social, a escuta do novo em cada encontro, a insubordinação da exclusividade do histórico pulsional intrapsíquico, entre muitos outros. O listado dessa nova metapsicologia para hoje e para as novas gerações de psicanalistas poderia seguir, claro, mas eu deixo por aqui. Muito obrigada, Janine... por nos ensinar a usar o verbo no gerúndio, a nos descolocar cada vez e abrir o novo que vai surgindo a cada vez, a um talvez”.

Julho, 2022.

Referências

- Kleiman, S. (2018, julho). *O tempo em movimento, história familiar e acontecimento*. Apresentado no VIII Congresso Internacional da AIPPF, Lyon, França.
- Levisky, R. B., Dias, M. L., & Levisky, D. L. (Orgs.). (2021). *Dicionário de psicanálise de casal e família*. São Paulo: Blucher.
- Puget, J. (2015). *Subjetivación discontinua y psicoanálisis: Incertidumbre y certezas*. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Puget, J. (2020a, abril). *Amigarse con lo incierto... tal vez...*. Apresentado na Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires.
- Puget, J. (2020b, 14 de maio). *Profanar creativo... profanar desubjetivante. Talvez... los caminos de lo incierto*. Apresentado no Departamento de Pareja y Familia de APdeBA.
- Puget, J., & Wender, L (1982). Analista y paciente en mundos superpuestos. *Psicoanálisis*, 4(3), 503-522.
- Trachtenberg, A. R. C., Kopittke, C. C., Pereira, D. Z. T., Chem, V. D. M., & Mello, V. M. H. P. (2013). *Transgeracionalidade – de escravo a herdeiro: Um destino entre gerações*. Porto Alegre: Sulina.

Trachtenberg, A. R. C., Piva, A., Kopittke, C. C., Zimpek, D., Soares, G. F., Korbes, J., Ferreira, P. P., Avritchir, R., & Mello, V. H. P. (2018). *Por que psicanálise vincular?* Porto Alegre: Criação Humana.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 01/08/2022

Aceito em: 31/08/2022

Ana Rosa Chait Trachtenberg
Rua Miguel Tostes 201 /910
90430-061 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: anarosact@gmail.com